

## Quem São e Como Atuam os Jornalistas Literários Brasileiros?<sup>1</sup>

Marcelo José da Silva JUNIOR<sup>2</sup>

Scheyla HORST<sup>3</sup>

Marcio Ronaldo Santos FERNANDES<sup>4</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

### RESUMO

O texto apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa de Iniciação Científica que possui o intuito de diagnosticar o cenário atual de Jornalismo Literário no Brasil. Definido um recorte temporal (quarto trimestre de 2015 a primeiro trimestre de 2016) e com posterior análise de determinados portais, revistas e jornais de diferentes abrangências geográficas, a proposta é/foi construir um banco de dados a respeito da temática, facilitando o acesso a esses profissionais pelos estudantes, professores e pesquisadores gerais, de maneira a fornecer elementos que nos permitam compreender um pouco mais de quem são e como atuam os jornalistas literários brasileiros. Os escritos de autores como Felipe Pena, Edvaldo Pereira Lima e Truman Capote são tomados como norteadores do estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** diagnóstico; espaços; formas de atuação; Jornalismo Literário.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 2º ano do Curso de Jornalismo da Unicentro. E-mail: [juniocelo@outlook.com](mailto:juniocelo@outlook.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Curso de Letras da Unicentro e colaboradora do trabalho. E-mail: [scheylahorst@hotmail.com](mailto:scheylahorst@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da Unicentro. E-mail: [marciorf@globo.com](mailto:marciorf@globo.com)

## Quem São e Como Atuam os Jornalistas Literários Brasileiros?

Era minha opinião que a reportagem poderia ser uma arte tão elevada e requintada quanto qualquer outra forma de prosa (o ensaio, o conto, a novela), uma teoria ainda não tão arraigada em 1956, o ano em que o trabalho foi publicado, quanto é hoje, quando a sua aceitação tornou-se talvez um tanto exagerada

*Truman Capote, referindo-se ao perfil de Marlon Brando, que escreveu em 1956 e considerado um dos textos fundadores do Jornalismo Literário*

Neste artigo, apresentamos os resultados iniciais de uma pesquisa que ainda está em desenvolvimento e é realizada dentro do Programa de Iniciação Científica (Proic), da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), instituição estadual de ensino superior localizada na região Centro-Sul do Paraná. A oportunidade de começar a desenvolver o projeto logo no primeiro ano do curso de graduação em Comunicação Social – Jornalismo da Unicentro favoreceu o meu contato antecipado, na comparação com meus colegas de turma, com um modelo jornalístico diferenciado, que tem como foco a humanização e o aprofundamento, sem perder de vista o cuidado com a linguagem. Sendo assim, buscamos identificar a ocorrência do Jornalismo Literário em meios de comunicação brasileiros, modelo de Jornalismo que é definido pelo pesquisador Felipe Pena como uma alternativa ao Jornalismo tradicional:

Só que é uma alternativa complexa. Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 13).

O escritor, educador e jornalista Edvaldo Pereira Lima, um expert em Jornalismo Literário no Brasil e no exterior, fomenta este trabalho quando cita em uma de suas publicações (o livro *Páginas Ampliadas*) um crescimento da vertente no país desde anos atrás:

Quando seguimos a linha do tempo desde então até o lançamento desta quarta, atualizada e ampliada edição, testemunhamos um avanço notável do livro-reportagem no cenário brasileiro. Simultaneamente, encontramos, mais recentemente, um renascimento revigorante do jornalismo literário. Embora relativamente modesto, esse movimento promissor é significativo e já salta aos

olhos de quem observa atentamente a indústria cultural. Essas duas situações convergem, ganham sinergia, beneficiam-se mutuamente. O jornalismo literário – praticado tanto em periódicos quanto em formato de livro – encontra um canal de expressão fabuloso no livro-reportagem e este, por sua vez, pode alcançar o máximo de seu potencial enquanto produto de comunicação pública quando é trabalhado em estilo de jornalismo literário (LIMA, 2009, p. XIV).

Em um primeiro momento, foram estabelecidas algumas leituras para compreender no que se baseia o Jornalismo Literário ou *New Journalism*, como também é chamado em alguns lugares mundo afora, tomando-se como base os escritos iniciais de jovens repórteres nos Estados Unidos nos anos 1950 e 1960. Nesta primeira fase da investigação, as obras tomadas para estudo foram: *Jornalismo Literário*, de Felipe Pena; *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura*, de Edvaldo Pereira Lima; *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, de Tom Wolfe; *A Sangue Frio*, de Truman Capote; e *Jornalismo Literário para Iniciantes*, de Edvaldo Pereira Lima.

Edvaldo Pereira Lima, aliás, em seu portal pessoal (2016), assim, trata o *New Journalism*:

Fase histórica e efervescente de renovação do Jornalismo Literário nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos, caracterizada pela introdução de novas técnicas narrativas (fluxo de consciência e ponto de vista autobiográfico), grande exposição pública e popularidade, reivindicação de qualidade equivalente à Literatura. Abundantemente praticada em revistas de reportagem especializadas em Jornalismo Literário, publicações alternativas, livros-reportagem e até mesmo em veículos da grande imprensa.

Tal conceito pode ser notado claramente em dezenas de textos daquele que é considerado um dos pais deste conceito, o jornalista e escritor norte-americano Truman Capote, autor de um perfil clássico sobre Marlon Brando publicado em 1956 que assim se inicia:

A maioria das japonesas são risadinhas. A pequena camareira do quarto andar do hotel Myako, em Kyoto, não era exceção. A hilaridade, e os esforços para reprimi-la, tingiam-lhe de roda as maçãs do rosto (diversamente dos chineses, a tez dos japoneses é quase sempre bastante colorida) e sacudiam-lhe o corpo roliço, envolvido num quimono de peônias e amores-perfeitos. Não havia uma razão particular aparente para aquela jucundidade; as risadinhas japonesas funcionam sem motivação perceptível. Eu simplesmente lhe pedira que me indicasse um certo apartamento. (CAPOTE, 2006, p. 276).

Mais tarde, o texto completo saiu em outro formato – no livro *Os cães ladram*, que reúne algumas das melhores reportagens literárias de Capote e que funciona como uma espécie de Bíblia da área.

Na segunda etapa da pesquisa, foram definidos alguns meios para análise, dentre eles revistas (Época, National Geographic Brasil e piauí) e portais (clicRBS, EL PAÍS e UOL), com focos nacional e regional. Esta parte da investigação, em desenvolvimento até julho de 2016, incluirá um mapeamento de três diários brasileiros: Correio Braziliense (Brasília), O Estado de S. Paulo (São Paulo) e Zero Hora (Porto Alegre).

Uma das intenções era, ao final de tudo, buscar encontrar e publicizar ao interlocutor do presente estudo outros espaços de manifestação do *New Journalism* para além de vozes como a de Eliane Brum, figura-chave quando se fala deste estilo de escrita no País.

### **Realizando a investigação**

Além de diagnosticar os profissionais que trabalham com um modelo jornalístico literário e os meios de comunicação onde eles estão inseridos, o trabalho tem ainda as metas de verificar como ocorre a produção nos diferentes meios, qual é o espaço dado no país e qual é o cenário atual.

A pesquisa preza não só por uma análise quantitativa, mas também qualitativa. A ideia é facilitar aos interessados em Jornalismo Literário um encontro com os jornalistas e os meios que trabalham com a vertente que, em um mundo dominado pelo fetiche da velocidade e das notícias curtas, parece fadado a ter poucos espaços regulares.

A metodologia consiste em coleta de dados e análise de conteúdo. As buscas pelas características literárias não ignoraram os fundamentos jornalísticos, defendidos também por Felipe Pena:

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no Jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2006, p. 13).

A coleta de dados, então, foi baseada em alguns critérios, que são as características marcantes do Jornalismo Literário com base nos autores eleitos para esta investigação,

como humanização, imersão, voz autoral, imaginação, criatividade e descrição de cenas. Foram realizadas leituras atentas daqueles textos que apresentavam pelo menos um desses itens e selecionados dados para compor uma tabela.

Na sequência, estabeleceu-se que seriam selecionadas as matérias que apresentassem qualquer trecho com características do Jornalismo Literário e não apenas aquelas que trabalhassem a vertente do começo ao fim. Observei, então, a presença de quatro recursos citados por Tom Wolfe no livro *Radical Chique* e o *Novo Jornalismo*: cena a cena, diálogo, ponto de vista da terceira pessoa e registro do status de vida da pessoa.

Os portais escolhidos para análise foram: clicRBS (regional); El País (nacional); e UOL (nacional). O período de monitoramento foi diário, durante todo o mês de fevereiro de 2016. O portal Terra também foi escolhido, mas não apresentou nenhuma matéria com características do Novo Jornalismo nesse período.

As revistas escolhidas, todas de abrangência no território brasileiro inteiro, foram: *Época*; *National Geographic Brasil* e *piauí*. A *Época*, que tem edições semanais, foi analisada de novembro de 2015 até fevereiro de 2016. No mercado desde 1998, ela é publicada pela editora Globo, com sede em São Paulo capital. As demais revistas, com edições mensais, foram analisadas de outubro de 2015 até fevereiro de 2016. A *National Geographic Brasil*, mais focada na divulgação científica, começou a ser publica no ano 2000. A *piauí* é mais recente (2006), publica perfis, grandes reportagens, ensaios, *fait divers*, ficção e possibilita aos seus repórteres a imersão nas pautas.

Os recortes temporais foram definidos para viabilizar a coleta de dados em tempo hábil para apresentar algum panorama dentro do cronograma estabelecido para a Iniciação Científica (que vai de agosto de 2015 a julho de 2016).

O gráfico a seguir mostra quantas matérias foram encontradas em cada meio diagnosticado em seu respectivo tempo de análise citado na metodologia:

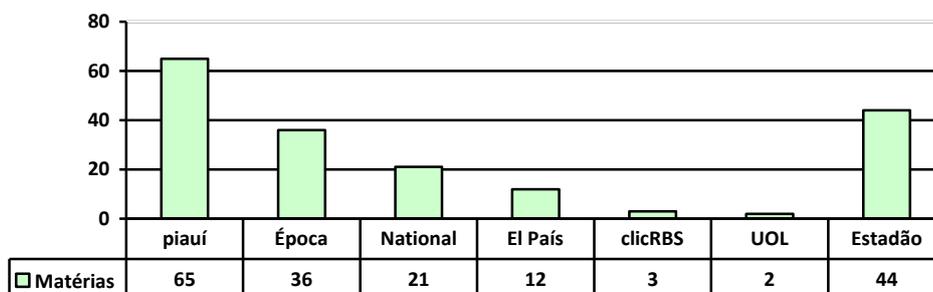


Figura 1: Gráfico de dados

A pesquisa mostrou uma coincidência entre os quesitos qualidade e quantidade, visto que os meios com maiores números de matérias encontradas também apresentaram características do Jornalismo Literário mais trabalhadas em seus textos.

Os portais, por atenderem a uma escrita mais curta e prática, prezada pelo Webjornalismo e seu público, marcaram um total de 17 matérias, contra as 166 dos meios impressos, onde a prática ainda indica ser mais disseminada e valorizada, tendo em vista que foi o berço do Jornalismo Literário.

Ainda assim, o exemplo com maior quantidade é também o de maior qualidade, que no caso foi o portal do El País, com destaque para a reportagem “A vida no Prestes Maia, o maior imóvel ocupado por sem-teto do Brasil”, de Antonio Jiménez Barca, publicada no dia 10 de fevereiro de 2016 (captura de tela da publicação em anexo), com a presença dos quatro recursos da vertente citados, passíveis de serem observados neste exemplo:

Não se pode entrar no edifício pela entrada principal, que está fechada com madeira e ferro. É preciso dar a volta no quarteirão, caminhar pelas avenidas velozes que cruzam essa inimaginável cidade de 13 milhões de habitantes e bater em uma porta de ferro nos fundos. Um sujeito que se passa por zelador abre o portão e depois se coloca atrás de um balcão que vem dos tempos da fábrica de tecidos. Há pouca luz natural, por causa das janelas cobertas. As lâmpadas fluorescentes que pendem de um fio elétrico que se perde para o lado direito tingem de uma cor crua as paredes vermelhas. Dos andares superiores chegam gritos, risadas, um aroma de comida, vozes alegres de crianças, sons de bola chutada. O porteiro pergunta qual o nome do visitante, qual o nome do seu contato dentro do prédio, consulta o seu caderno, depois sorri e lhe dá um aperto de mão. Pode seguir em frente (BARCA, 2016, *online*).

No entanto, a matéria digital com mais características do Novo Jornalismo encontradas foi do portal UOL - a reportagem “Futebol na cabeça”, de Adriano Wilkson, com vários diálogos e retratos de cenas, duas características importantes da vertente.

Nos produtos impressos, a revista piauí lidera a pesquisa, novamente em quantidade e qualidade, apesar do próprio criador da publicação (o documentarista João Moreira Salles) ter opinião contrária quanto à Piauí ser ou não um produto jornalístico literário:

Para Salles, “jornalismo literário” é um termo pretensioso. Mesmo porque ele diz não saber exatamente o que significa. “É como se o jornalismo precisasse ter a ambição de ser literatura para ser reconhecido”. A Piauí apenas considera a forma tão importante quanto o conteúdo. Temas não-convencionais tornam-se interessantes. Além da informação, o prazer da leitura é visado (FREY, 2007, *online*).

De seu lado, a revista National Geographic Brasil teve todas as suas reportagens das edições analisadas incluídas no diagnóstico, pois todas apresentam ao menos em alguma parte do texto traços do Novo Jornalismo. O destaque fica com a reportagem “Água dos fortes”, de Robert Draper, sobre o rio Congo, na África, da edição do mês de outubro de 2015, com o Novo Jornalismo presente do começo ao fim (capa da edição em anexo). Aqui, o autor da reportagem explora ao máximo os elementos característicos desta vertente de escrita, conforme se pode notar na transcrição abaixo:

É fevereiro, a estação seca, e o rio está baixo e maltoso. Falcões voam nas alturas, aves aquáticas roçam a superfície. A cada poucos quilômetros, a imensidão da floresta pluvial que embainha o rio dá lugar a um agrupamento raquítico de casas de telhado de colmo. Crianças joram das choças, acenam. Algumas entram em suas pirogas e remam ferozmente até o barco para virar surfistas magrelos na esteira da embarcação. A última piroga desaparece no mato ao pôr do sol feérico. À noite, Pascal e eu nos deitamos em sacos de dormir protegidos por mosquiteiros no teto do barco, e logo acima paira uma bandeira esfarrapada da RDC. Não há eletricidade para conspurcar o céu. Nenhum tipo de barulho, salvo o rosnado do motor até o raiar do dia, quando acordamos com o som de um canto. Um pregador conduz passageiros em uma prece. Descemos para investigar (DRAPER, 2015, p. 49).

A tabela a seguir mostra em ordem alfabética quem são e como atuam os jornalistas literários brasileiros, em portal, jornal ou revista estudados nos últimos meses de acordo com a nossa pesquisa e seleção de meios de comunicação:

Nome	Meio
Adriana Abujamra	piauí
Adriana Del Ré	O Estado de S. Paulo
Adriana Ferreira Silva	Época
Adriano Wilkson	UOL
Alana Rizzo	Época
Alejandro Chacoff	piauí
Alejandro Rebossio	El País
Alexander Stille	piauí
Alexandra Fuller	National Geographic Brasil
Aline Custódio	clicRBS
Aline Ribeiro	Época
Aline Ribeiro	Época
Amanda Camasmie	Época
Amy Harmon	piauí
Ana Clara Costa	Época
Ana Lima Cecilio	piauí
Ana Paula Boni	O Estado de S. Paulo
Andrei Netto	O Estado de S. Paulo

Andy Isaacson	National Geographic Brasil
Anita Fiori	O Estado de S. Paulo
Anna Virginia Balloussier	piauí
Annett Oertel	Época
Antonio Jiménez Barca	El País
Audrey Furlaneto	piauí
Ben Taub	piauí
Bernardo Esteves	piauí
Bruno Ferrari	Época
Camila Morais	El País
Carol Pires	piauí
Charles C. Mann	National Geographic Brasil
Chico Felitti	piauí
Clara Becker	piauí
Clarissa Thomé	O Estado de S. Paulo
Claudia Bellante	National Geographic Brasil
Consuelo Dieguez	piauí
Cristiane Segatto	Época

Cristina Tardáguila	piauí
Daniel Carvalho	O Estado de S. Paulo
Daniela Pinheiro	piauí
David Owen	National Geographic Brasil
Diego Moura	O Estado de S. Paulo
Diogo Bercito	piauí
Douglas Preston	National Geographic Brasil
Ed Yong	National Geographic Brasil
Edison Veiga	O Estado de S. Paulo
Eduardo Góes Neves	National Geographic Brasil
Elizabeth Royte	National Geographic Brasil
Erich Casagrande	clicRBS
Erich Decat	O Estado de S. Paulo
Felipe Betim	El País
Felipe Mortara	O Estado de S. Paulo
Felipe Pereira	UOL
Felipe Resk	O Estado de S. Paulo
Fernando Henrique Cardoso	piauí
Fernando Reinach	O Estado de S. Paulo
Filipe Coutinho	Época
Flávia Tavares	Época
Flávia Yuri Oshima	Época
Florence Williams	National Geographic Brasil
Fraya Frehse	O Estado de S. Paulo
Gilberto Amendola	O Estado de S. Paulo
Guilherme Felitti	Época
Gustavo Ribeiro	Época
Harumi Visconti	Época
Helio Gurovitz	Época
Henry Alford	O Estado de S. Paulo
Hudson Corrêa	Época
Humberto Werneck	O Estado de S. Paulo
Ignácio de Loyola Brandão	O Estado de S. Paulo
Isabel Junqueira	piauí
Isabela Bonfim	O Estado de S. Paulo
J. M. Ahrens	El País
James Kaplan	piauí
Jamie Shreeve	National Geographic Brasil
Jan Martínez Ahrens	El País
João Brizzi	piauí
João Moreira Salles	piauí
João Paulo Carvalho	O Estado de S. Paulo

João Pedro Soares	piauí
José Orenstein	O Estado de S. Paulo
José Roberto de Toledo	O Estado de S. Paulo
Joseba Elola	El País
Josefina Licitra	piauí
Juan Morenilla	El País
Julia Duailibi	piauí
Juliana Dal Piva	piauí
Juliana Deodoro	piauí
Juliana Faddul	piauí
Julio Lamas	piauí
Julio Maria	O Estado de S. Paulo
Karl Ove Knausgård	piauí
Katia Geiling	O Estado de S. Paulo
Kennedy Warne	National Geographic Brasil
Leandro Karnal	O Estado de S. Paulo
Leonardo Ávila Teixeira	O Estado de S. Paulo
Lourival Sant'Anna	O Estado de S. Paulo
Luis Barbero	El País
Luiz Maklouf Carvalho	piauí
Luiza Miguez	piauí
Malu Gaspar	piauí
Marc Bassets	El País
María Fernanda Ampuero	piauí
Marina Caruso	Época
Marina Gama Cubas	O Estado de S. Paulo
Matthew Francis	El País
Maureen Orth	National Geographic Brasil
Mauro Silveira	Época
Michael Edison Hayden	National Geographic Brasil
Nick Davies	piauí
Nina Finco	Época
Nina Rahe	piauí
Oliver Sacks	piauí
Pablo Ordaz	El País
Paula Scarpin	piauí
Paulo Raviere	piauí
Pedro Antunes	O Estado de S. Paulo
Pete Hamill	National Geographic Brasil
Rachela Gotthilf	Época

Rafael Cariello	piauí	Ruan de Sousa Gabriel	Época
Ralf Hoppe	O Estado de S. Paulo	Ruy Fausto	piauí
Raphael Gomide	Época	Samantha Lima	Época
Raphael Kapa	piauí	Sérgio Garcia	Época
Reginaldo Pupo	O Estado de S. Paulo	Sonia Racy	O Estado de S. Paulo
Renata D'Elia	piauí	Susan McGrath	National Geographic Brasil
Ricardo Piglia	piauí	Talita Fernandes	Época
Richard Conniff	National Geographic Brasil	Tania Monteiro	O Estado de S. Paulo
Robert Draper	National Geographic Brasil	Tarcísio Badaró	piauí
Robert Kunzig	National Geographic Brasil	Tiago Coelho	piauí
Roberta Pennafort	O Estado de S. Paulo	Tim Folger	National Geographic Brasil
Roberto Kaz	piauí	Veríssimo	O Estado de S. Paulo
Rodrigo Capelo	Época	Vinicius Gorczeski	Época
Rodrigo Turrer	Época	Vitor Hugo Brandalise	O Estado de S. Paulo
Roff Smith	National Geographic Brasil		

Figura 2: Tabela de nomes de profissionais/veículos de publicação

### Conclusão não. Mas apontamentos

Nesta altura da investigação, é possível concluir que há espaço para o Jornalismo Literário nos meios impresso e digital brasileiro. Porém, é na Mídia Impressa que, salvo melhor juízo, os autores conseguem trabalhar de uma maneira mais qualificada as características da vertente jornalístico-literária. A histórica ligação da Literatura com a Imprensa pode ser um dos fatores que justifiquem isso, considerando também as confluências antigas entre elas, como destaca Felipe Pena sobre o século XIX, quando do surgimento dos folhetins:

E foi justamente no século XIX que a influência da Literatura no Jornalismo tornou-se mais visível. O casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos. Só que os livros eram muito caros e não podiam ser adquiridos pelo público assalariado. A solução parecia óbvia: publicar romances em capítulos na imprensa diária. Entretanto, esses romances deveriam apresentar características especiais para seduzir o leitor. Não bastava escrever muito bem ou contar uma história com maestria. Era preciso cativar o leitor e fazê-lo comprar o jornal no dia seguinte. E, para isso, seria necessário inventar um novo gênero literário: o folhetim (PENA, 2006, p.32).

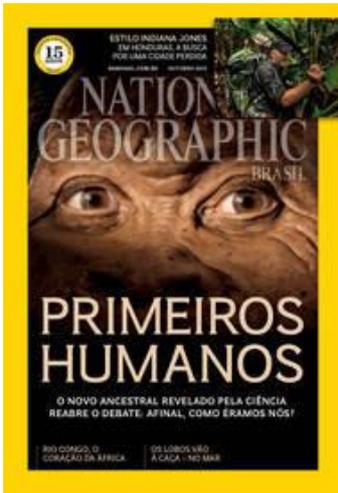
Mesmo assim, o universo digital em território verde-amarelo não se fecha para esse modelo de Jornalismo e apresenta bons exemplos no cenário atual encontrado. Tal como dito no começo do presente texto, o estudo está em andamento e os resultados acima são

preliminares, mas de antemão, é possível notar que há um time de autores brasileiros de Jornalismo Literário, além dos espaços editoriais ocupados por escritores estrangeiros. E isto pode ser considerado uma excelente notícia, sobretudo pelo fato de que vivemos, como certa vez apontou Luís Fernando Veríssimo, em um texto para o jornal O Globo, num tempo maluco em que a informação é tão rápida que exige explicação instantânea e tão superficial que qualquer explicação serve”, como bem transcreveu Fábio Lima em 2002, ao analisar o lançamento, naquele momento, do livro *Jornalismo em tempo real – O fetiche da velocidade*, de Sylvia Moretzsohn.

## REFERÊNCIAS

- BARCA, Antonio Jiménez. **A vida no Prestes Maia, o maior imóvel ocupado por sem-teto do Brasil**. El País, 2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/09/politica/1455015637\\_003155.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/09/politica/1455015637_003155.html)> . Acesso em: 17 abr. 2016.
- CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CAPOTE, Truman. **Os cães ladram** – pessoas públicas e lugares privados. Porto Alegre: LP & M, 2011.
- DRAPER, Robert. **National Geographic Brasil**. 187. ed. São Paulo: Abril, 2015.
- FREY, Luisa. **João Moreira Salles fala sobre a revista Piauí**. Blog ponto-e-vírgula, 2007. Disponível em: <<https://revistapontoevirgula.wordpress.com/2007/05/31/joao-moreira-salles-fala-sobre-a-revista-piaui/>>. Acesso em: 19 abr. 2016.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas : o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.
- LIMA, Fábio. **O fetiche da velocidade**. Observatório da Imprensa, 2002. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al140820024.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- WILKSON, Adriano. **Futebol na cabeça**. UOL, 2016. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/especiais/futebol-na-cabeca.htm#futebol-na-cabeca>> . Acesso em: 17 abr. 2016.
- WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## ANEXO A - Capa da edição 187 da National



## ANEXO B - Capa da edição 112 da piauí



## ANEXO C – Captura de tela da reportagem do EL PAÍS



**A vida no Prestes Maia, o maior imóvel ocupado por sem-teto do Brasil**

Numa antiga indústria vivem 400 famílias numa república organizada. Assim é a vida na cidade vertical

ANTONIO JIMÉNEZ BARCA  
 30 FEV 2016 - 21:00 BRST

**MAIS INFORMAÇÕES**  
**FOTOGALERIA** O arranha-céu ocupado de São Paulo

De longe, ele se destaca isolado dos demais arranha-céus do centro de São Paulo. Visto de baixo, impõe-se ainda mais. São 22 andares de cimento cheios de rachaduras e sujeira. Há pedaços enegrecidos, produto de incêndios antigos, e um mosaico de janelas sem vidros tampadas com tábuas de compensado, telas ou estrados. Antenas em algumas laterais e plantas que crescem suspensas em beirais alimentando-se da primavera tropical. Um velho letreiro talhado em pedra indica a origem do edifício, inaugurado como uma fábrica têxtil nos anos sessenta: Companhia Nacional de Tecidos. Na mesma quadra, há uma peixaria e um bar minúsculo chamado Big Ben. Um pouco mais distante, a antiga estação de metrô e de trem da Luz, encravada no coração descarnado da maior metrópole da América Latina.

**PODE TE INTERESSAR**

- Recessão assola América Latina pelo segundo ano consecutivo
- Seu nome passou de moda ou está na crista de onda? Descubra aqui
- Coluna | O medo irracional de Cunha
- Um candidato paquistanês a prefeitura de Londres